Ano XIX — Lisboa, Agosto de 1963 — N.º 220

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638949

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Meditando na Lei do Escoteiro

Será que depois de feita a tua promessa, caro Escoteiro, afirmando fazer o melhor possível por cumprir a Lei, auxiliar o próximo, honrar a Pátria e amar a Deus, terá esmorecido a pouco e pouco o teu ideal escoteiro?

Estou certo de que não. No entanto, sei por experiência própria que, se não meditares todos os dias na Lei e na Promessa, terás com certeza pequenos desvios do caminho certo que a agulha de marear, tão bem simbolizada na pétala central da flor de lis, te indica. Nada melhor, porém, para ilustrar os imperativos da Lei e da Promessa e exemplificar a sua aplicação à vida real, do que a vida dos Grandes Homens, daqueles que têm sabido servir devotadamente a humanidade.

Li há poucas semanas uma pequena biografia desse grande homem que se chama Alberto Schweitzer, médico e missionário evangélico, que tem dedicado toda a sua vida ao serviço do semelhante, habitando nas piores regiões da antiga África Francesa, no Gabão, no combate à doença e na propagação da fé cristã, e que em 1953 foi distinguido com o honroso galardão do Prémio Nobel da Paz, não tendo sequer tido tempo para se deslocar à Noruega para receber tão valioso prémio por se encontrar absorvido nos trabalhos do seu hospital. Toda a sua vida tem sido uma maravilhosa lição de amor, um desprendimento completo de honras e bem estar material e um constante cumprimento da promessa escoteira: *Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias.*

Apesar de Schweitzer nunca ter feito a promessa escoteira, nunca ter participado nos gritos esfuziantes das patrulhas em competição, nunca ter escutado a voz do chefe palestrando num fogo de conselho, é um grande escoteiro. O seu biógrafo dá-nos conta do seu amor à natureza, uma autêntica lição para nós, escoteiros, e uma autêntica aplicação do 6.º artigo da nossa lei: *O Escoteiro ama as plantas e animais,* numa interpretação profunda e, portanto, valiosa.

Diz Schweitzer: «Veneração pela Vida — mas que significa isso?

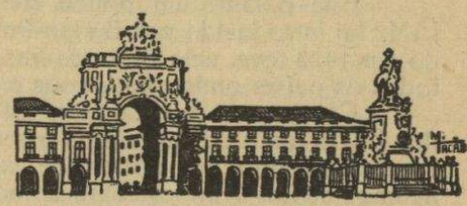
«Sim, significa que a vida é sagrada e que devemos acarinhá-la. E nunca nos é permitido matar!

«Sim, algumas vezes é necessário fazê-lo. Quando tenho os micróbios da doença do sono sob o microscópio, sei que devo destruí-los para salvar o meu doente. Contudo, nunca devemos matar sem uma causa. Um lavrador pode ceifar um milhar de flores do prado para alimentar as vacas, mas, ao dirigir-se para casa, não deve derrubar a corola de uma flor por mero passatempo. Nada é demasiado pequeno, nada é demasiado insignificante para que não mereça o nosso zelo. Se o homem tiver veneração pela Vida, não despedaçará os cristais de gelo que cintilam ao sol, nem rasgará a folha de uma árvore. Terá mesmo cuidado em não esmagar os insectos à medida que se desloca.

«Se trabalhar numa noite de verão à luz da candeia, preferirá ter a janela fechada e respirar uma atmosfera sufocante, a ver as mariposas cair com as asas queimadas na sua mesa de trabalho»...

Não serão estas palavras dignas de um grande escoteiro, de um grande chefe? Não constituirão elas os deveres do Escoteiro? Guarda-as no teu coração, procura cumpri-las e acharás a vida mais bela, mais objectiva, mais extraordinária, pois colaborarás duma maneira pequenina, mas real e segura, para a construção do Mundo no caminho suave e risonho da Paz entre os homens.

ARMANDO INÁCIO



ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPO N.º 8

Em 6 de Julho, realizou-se na sede deste Grupo uma festa recreativa, durante a qual, além de diversos episódios, foram exibidas duas comédias desempenhadas por elementos do Grupo. Em «Um Julgamento no Samouco» colaboraram João Saragoça, Alexandre Luís, Carlos Camilo, José S. Santos, Armando Morais, Urbano Oliveira, Orlando Pinheiro e D. Maria Helena. Em «Os Escoteiros» José S. Santos, Orlando Pinheiro, Carlos Camilo, António Eça e José Luís Terramoto.

As peças agradaram, sendo os escoteiros muito aplaudidos.

GRUPO N.º 94

Na sede deste Grupo realizou-se recentemente uma sessão de cinema oferecida pelo velho amigo do 94, o sr. Maurice J. Cohen. Particularmente interessante foi um documentário de uma concentração de escoteiros realizada em 1945 no Campo do Jockey Clube, no qual se vêem escoteiros e dirigentes que naquela época actuavam nos diversos grupos de Lisboa. Esta actividade foi seguida de um desfile que se realizou até ao centro da cidade e se encontra bem documentado. O sr. Cohen ofereceu o interessante filme para os arquivos do Grupo 94.

★ ● ★

A entrevista com o Sr. Prof. Calvet de Magalhães

A propósito da entrevista dos nossos redactores juvenis com o ilustre professor Sr Dr. Calvet de Magalhães, teve a «Flor de Lis» a atenção de fazer o seguinte registo no seu número de Junho p. p.:

SEMPRE PRONTO — Recebemos o «Sempre Pronto» de Abril. Entre outros, chamou-nos a atenção a entrevista de dois exploradores da A. E. P. ao Director da Escola Técnica Francisco Arruda, antigo escoteiro.

«Concordamos, Sr. Prof. Calvet de Magalhães, «o Escotismo não facilita nem perturba a vida escolar. Completa-a, pura e simplesmente».

Agradecemos.

UM JAMBORI, QUE É?

Numa altura em que, na Grécia, estiveram reunidos alguns milhares de escoteiros, na aventura maravilhosa de um Jambori Mundial, é oportuno oferecer aos nossos estimados leitores esta interessante transcrição sobre a história dos grandes encontros mundiais

No próximo mês de Agosto, 1200 rapazes de França embarcarão para uma aventura com a qual terão sonhado todo o inverno: partirão para o 11.º Jambori Mundial, em Maratona, na Grécia.

Porque será esta excitação? Porque brilham estes olhos? É porque estes jovens franceses vão, durante oito dias, acampar com cerca de dez mil outros camaradas vindos dos quatro cantos do mundo.

Esta palavra um pouco bárbara — Jambori — cuja abreviatura é JAM, foi introduzida por Baden-Powell, o fundador do Escotismo, quando em 1920 teve, pela primeira vez, a ideia de reunir rapazes vindos de todos os países onde existiam os movimentos escoteiros.

Crê-se que B. P. trouxe esta palavra da África do Sul, da língua dos Zulos, que designaria uma assembleia de tribos. Mas desde aí, embora conservando um pouco de exotismo, representa para os escoteiros acampamentos grandes como cidades, onde de quatro em quatro anos alguns privilegiados descobrem as faces de amigos estrangeiros.

Em 1920, portanto, no pavilhão Olímpia, em Londres, 32 países diferentes estiveram representados no primeiro Jambori Mundial. Dois anos depois da Grande Guerra! Que maravilhosa ideia esta de uma assembleia de jovens amigos unidos por um ideal comum! Perante o êxito desta iniciativa, foi decidido realizar outros jamboris com intervalos regulares.

Foi assim que o segundo jambori se reuniu em Copenhague em 1924. Tenho ouvido, muitas vezes, antigos escoteiros que nele participaram, denominá-lo como campeonato internacional de Escotismo, porque, efectivamente, como atletas olímpicos, os escoteiros, campeões do seu país, disputavam provas de nós, de morse, de socorrismo, de exploração e muitas outras, é isto quase de noite e de dia. Estas competições eram extenuantes. Felizmente foram abandonadas estas práticas, cujo valor educativo era discutível. Em certa prova de socorrismo, o representante da França recebeu um zero humilhante por não saber que dizer acerca de uma mordedura de víbora: hoje é um grande cirurgião!

Conta-se ainda como o Jam foi inundado por chuvas diluvianas (a continuação dos Jamboris provou que o céu reserva aos escoteiros, nestas ocasiões, as suas águas mais abundantes ou os seus calores mais tórridos). Os dinamarqueses foram bem sucedidos no prodígio de evacuar todo o acampamento num dia para casa de habitantes hospitaleiros.

Os jamboris seguintes realizaram-se em Inglaterra de novo em 1928; depois em Gö lö'ö (pronunciar como se fosse francês Geudeuleu) na Hungria em 1933. Na Holanda, em Vogelenzang, (o cântico das aves), em 1937, a demonstração francesa fez sensação ao ponto de ser necessário bisar. Esclarece-se que nos Jamboris cada delegação apresenta, numa vasta arena, um espectáculo que comporta canções, danças, movimentos em conjunto, representações dramáticas. Vêem-se quadrilhas de escoceses com os seus típicos saiotes cruzarem-se aos sons das suas gaitas de foles, os *cow-boys* americanos conquistar os Far-West; ouvem-se coros alemães acompanhados à guitarra.

A França adquiriu uma certa reputação nestas demonstrações. Em Vogelenzang travou-se um vasto combate naval onde as fragatas à vela, depois de copiosos canhoneios, se abordaram num tumulto medonho de gritos e de fumaça.

O Jambori seguinte devia realizar-se em França, em 1940. Mas a guerra tinha deflagrado sobre o mundo. A paz voltou, o Escotismo Francês não hesitou, apesar das ruínas e da miséria que a guerra e a ocupação tinham deixado em França, em convidar os escoteiros de todo o mundo. O Jambori da Paz reuniu-se em Moisson, numa curva do Sena para jusante de Paris. No calor e na poeira sufocante do verão de 1947, jamais se tinha visto semelhante atmosfera de alegria. Nos subcampos, que tinham os nomes das províncias francesas, podiam-se ver os holandeses e os australianos treparem um Monte Branco de contraplacado instalado no subcampo da Sabóia; americanos e arménios provar os vinhos e a apreciar os jardins de Anjou; os maoris bater o solo com um tacão ritmado em danças guerreiras muito impressionantes; os planadores dos escoteiros do ar, idos de Chérence, sobrevoar as nuvens de poeira.

O Jambori seguinte efectuou se na Áustria, em Bad-Ischl. Havia uma profusão de bosques e os escoteiros rivalizaram com graça e talento

Pág. 6 ——→

TERTÚLIA DO CHEFE

Fundamentos do Método Escoteiro

(Continuação)

Leáldade

Procura-se que cada escoteiro seja leal para com o seu país e que o sirva o melhor possível dentro das suas habilidades e aptidões, aproveitando bem todas as oportunidades que se lhe proporcionarem. O escotismo não advoga qualquer filosofia política; o que lhe interessa é treinar o rapaz num bom senso de cidadania, fazendo dele um bom cidadão, trabalhador activo e cujo espírito de colaboração e actuação em conjunto com os outros seja traduzido em acções práticas construtivas, abstraídas de partidarismos políticos nefastos ao bom desenvolvimento e bem estar geral.

É ao cidadão adulto, como tal e não como escoteiro, que compete decidir a forma de dever cívico que deve assumir para com a comunidade em que vive. E, ao fazê-lo nestas circunstâncias, decerto o fará dentro dos bons e sãos princípios adquiridos durante a sua passagem pelo Escotismo.

A Lei Escoteira

Esta lei apresenta em linguagem simples o código de procedimento que está na base da vida dum bom cidadão. Ela põe o rapaz perante 10 pontos que afirmam o que ele deve fazer sob o aspecto de virtudes e deveres, tais como: honra, lealdade, auxílio ao próximo, amizade, cortesia, obediência, caridade, economia e pureza de pensamentos, palavras e acções. Na vida do Grupo e das Patrulhas, onde os rapazes estão integrados, proporcionam-se-lhes os meios e as circunstâncias reais para que os princípios expostos sejam transformados em realidades práticas. Por exemplo, a Boa Acção diária é o principiar do desenvolvimento dum hábito de auxílio e de prestação de serviços àqueles que nos rodeiam.

Tradução do folheto «*Fundamentals of the Scout Method*» (CONTINUA)

III Jogos Florais da Costa do Sol

Organizados pelo jornal «A Nossa Terra», de Cascais, e integrados nos festejos comemorativos do VI Centenário do Concelho de Cascais, vão realizar-se os III Jogos Florais da Costa do Sol (1964).

As produções deverão ser entregues até ao último dia deste ano e serão atribuídos valiosos prémios pecuniários.

Os géneros admitidos são:

I — PROSA: Conto; Reportagem (tema especial indicado no regulamento).

II — POESIA: Poema de evocação (tema especial indicado no regulamento); *Poema lírico* (tema livre); *Soneto* tema livre).

O regulamento respectivo pode ser solicitado à *Comissão Organizadora dos III Jogos Florais da Costa do Sol* — Jornal «A Nossa Terra» — Cascais.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

O Chanceler Adenauer escoteiro honorário

Escoteiros americanos de ascendência alemã, na companhia de colegas alemães, visitaram o chanceler Adenauer a quem declararam Escoteiro honorário, tendo-lhe colocado o característico lenço ao pescoço, acto que o chanceler aceitou e agradeceu sensibilizado.

Harold Wilson é Antigo Escoteiro

Na Conferência de Comissários Escoteiros deste ano que se realizou em Inglaterra recentemente, foi orador oficial o sr. Harold Wilson, chefe da oposição de Sua Majestade Britânica, Wilson foi guia de patrulha e Escoteiro do Rei no Grupo 20 de Huddersfield e é presentemente membro do ramo do Parlamento da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

Ramo do Parlamento da Fraternal dos Antigos Escoteiros Britânicos

No Parlamento Britânico existe um núcleo de Antigos Escoteiros do qual fazem parte os parlamentares que pertenceram ao nosso Movimento. É seu presidente o Coronel Sir Malcolm Stoddart-Scott, e secretário o Sr. Harry Hynd. Entre os seus membros contam-se ainda o Visconde Amory, Conde Alexander de Tunis, Dr. Charles Hill, Selwyn Lloyd, Lord Rea, Lord Rowallan, Conde de Sandwich e Harold Wilson.

Este núcleo organiza recepções aos escoteiros estrangeiros que visitam o Parlamento ou que se encontram a estudar em Londres.

Suíça

Raymond Gafner, comissário internacional da Federação dos Escoteiros Suíços durante os últimos onze anos, pediu a demissão do seu cargo. Na última assembleia de delegados, foi aclamado membro de honra da Federação em reconhecimento dos serviços prestados ao Movimento.

O novo comissário é o Dr. Hans-Rudolf Sterchi, licenciado em letras.

* ● *

Concurso do Mês

III

Em que ano se realizou o Jamboree da Áustria e como foi ele designado?

As respostas podem ser dirigidas à Redacção num simples bilhete postal.

Solução do n.º II

O nó utilizado no início e no fecho de uma atadura é o *NÓ LIREITO.*



Orgulho de português

— Pois é como lhe digo, meu bom amigo!—exclamou o Vicente, que era um tanto lido, na farmácia de Soutelo. — Nada temos que invejar ao estrangeiro. Então, em História, não deve haver outro país tão rico como o nosso.

— Muito me conta, compadre Vicente, muito me conta... — exclamou Aniceto.

Mas Vicente, que falava como um papagaio, não parava com o estribilho.

— É como lhe digo, meu bom amigo. Nós é que somos demasiadamente modestos, e temos o mau hábito de negar valor ao que é nosso.

— Sim senhor! — exclamou o compadre. — Vá lá uma pessoa adivinhar uma dessas...

— Olhe, compadre, aqui há dias li, numa obra do escritor Osório de Oliveira, umas passagens que me surpreenderam. Dizia ele aquilo que estou a dizer ao compadre. E, depois, vinha com alguns exemplos. Alguém afirmou que os célebres painéis de S. Vicente haviam sido da autoria de um português, o pintor Nuno Gonçalves, o que provava a existência de uma escola portuguesa de pintura. Pois houve logo quem tentasse afirmar o contrário...

— Estrangeiros, certamente? — indagou Aniceto.

— Isso sim! Portugueses, compadre, portugueses! Mas há mais: Um escritor alemão alvitrou que talvez o pensamento de Antero do Quental se filiasse numa filosofia portuguesa. Pois logo vieram dizer que talvez não fosse assim, que o pensamento de Antero era baseado na filosofia alemã.

— Algum estrangeiro?

— Não, compadre. Um português! Até parece impossível, não é verdade?

— Custa a crer, realmente, que sejam os portugueses a desvalorizar aquilo que é seu...

— O compadre quer ouvir mais? Aqui há tempos, ouvi falar num tal Aleixo Garcia, notável explorador português do Rio da Prata. Corri alguns livros nossos e nada encontrei. Como sou muito teimoso, continuei a procurar e, numa obra, deparou-se-me, finalmente, meia dúzia de linhas. Como esse aventureiro estivesse ao serviço de Espanha, folheei uma enciclopédia daquele país. Qual não é a minha admiração quando encontrei um enorme artigo, relatando, pormenorizadamente os feitos desse grande português que quase todos os portugueses desconhecem...

— Essa agora! Até parece mentira, compadre...

— Mas não é - continuou Vicente. — Em Timor, governou um oficial de marinha muito distinto que, durante pouco mais de ano e meio, realizou notável obra administrativa. Chamava-se ele Alfredo de Lacerda Maia e foi assassinado em 1887 pelos indígenas revoltados. Certo dia, dispus-me a estudar a figura desse governador. Vim a encontrar muita colaboração literária dele em vários jornais e revistas.

— Quer isto dizer que Lacerda Maia era um escritor... — arriscou Aniceto.

— Pois claro. Mas pouca gente sabe disso. Pois uma enciclopédia estrangeira chama a Alfredo de Lacerda Maia *oficial de marinha e escritor português.*

MANUEL FERREIRA

Continuamos a publicar pòstumamente interessantes trabalhos do nosso saudoso amigo e colaborador Manuel Ferreira.

* ● *

ESCOTEIROS DE PORTUGAL
EM SERVIÇO MILITAR NO
ULTRAMAR PORTUGUES

António da Encarnação Amêndoa
1.º Cabo n.º 3105/62
Antigo-Escoteiro do Grupo n.º 94 — LISBOA

José Francisco Ramos Baptista
1.º Cabo n.º 68/63A
Escoteiro do Grupo n.º 77—FARO

ambos servindo em
ANGOLA

• • o • •

Ser assinante patrocinador é afirmar simpatia por «Sempre Pronto» e pelo Escotismo.

Meu caro Escoteiro:

Tu sabes, tenho disso a certeza, que a primeira obrigação do rapaz que voluntàriamente presta a solene Promessa Escoteira é praticar diàriamente uma Boa Acção.

Ora o Escoteiro passa muitos dias no campo e, portanto, é aí que pratica grande número de boas acções. Por isso, tive muita alegria quando soube do gesto da tua Patrulha no último acampamento. Fizeram muito bem em ter limpo o tanque das regas. O homem ficou radiante. Há muito tempo que ele andava para fazer esse trabalho, mas não tinha tido tempo. E vocês fizeram isso num instante.

A Patrulha Raposa também, há dias, reparou uma sebe na propriedade onde acampou. O feitor elogiou o acto, dizendo:—Os outros rapazes estragam a sebe, estes reparam-na. É gente fixe. Têm quinta para acampar sempre que quiserem.

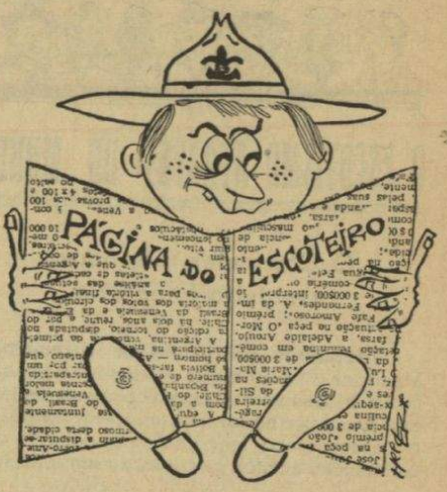
É assim mesmo que o Escoteiro procede. Por onde vai conquista amigos, procurando ser útil. Por outro lado, evita tudo aquilo que incomoda ou aborrece os vizinhos. Tambores e cornetas são coisas que não usa porque o barulho é uma maneira prática de conquistar antipatias.

Portanto, quando acampares, deixa sempre uma boa acção. Repara um muro, arranja um caminho, rega umas flores, limpa de pedras os terrenos. Este serviço dividido por muitos faz-se ràpidamente e enche de alegria os beneficiados.

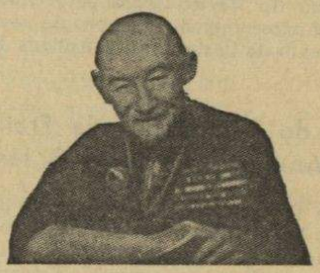
Continua, pois, a fazer as tuas boas acções.

Um abraço do

LOBO VELHO



A VIDA DE BADEN-POWELL



Biografia compilada pelos escoteiros Luís Filipe Gomes e Rui Horácio Macedo e dedicada a escoteiros da 2.ª classe.

(Continuação)

Evidentemente que os velhos oficiais não compreendiam a atitude de B.-P. Acusavam-no de leviandade, de comprometer as tropas de Sua Majestade.

Mas ele teimava:

— Podemos ter fé nesses rapazes! Basta dar-lhes confiança em si próprios e pô-los em face das responsabilidades.

Finalmente, depois de uma campanha de 127 dias, em que se dispararam 20 000 balas e perderam 813 homens, B.-P. conseguia libertar Mafeking.

Toda a Inglaterra delirou com a proeza. A rainha Vitória enviou a B.-P. um telegrama pessoal de felicitações.

E aquele homem extraordinário foi nomeado general aos 43 anos!

Entretanto, o novo general recompensou os seus escoteiros e, em nome da rainha, nomeava o jovem Goodyear como ajudante de Chefe. Mas, para B.-P., a luta não tinha terminado. Pensava no futuro e no meio de transformar a arte de ensinar os homens a fazer a guerra, na arte de os ensinar a construir a paz.

A guerra do Transval terminou, enfim, e os territórios sul-africanos foram entregues à guarda de B.-P.

Mas a história do cerco de Mafeking teve uma repercussão inesperada. Quando B.-P. foi a Londres para expor 125 dos seus desenhos e ter uma entrevista pessoal com o futuro Eduardo VII, o seu editor anunciou-lhe:

— A nova edição do seu livro esgotou-se.

— O quê? É impossível! Todos os soldados o sabem já de cor.

— Oh! mas não são os soldados que a compram - redarguiu-lhe o editor. — São as crianças e os professores. Nunca vi uma coisa assim!

(Continua)

É assim que o Chico Patatenra aprende

Cuidado com as canelas! . . .

Num destes dias de acampamento, o guia da Águia encontrou o Chico rebolando-se no chão, agarrado à canela da perna direita.

— Que foi que te aconteceu? — perguntou.

— Ui!... Ui!... — gemia o Chico, — tropecei e bati com a perna num tronco. Ui!... Ui!...

— Bom, isso vai passar já — exclamou o guia

Foi buscar dois pequenos panos turcos, molhou um em água fria e colocou-o na perna do Patatenra. Ràpidamente as dores começaram a desaparecer.

— Quando não sentires frio no local — disse o guia para o Chico — avisa, que é para se tirar o pano e colocar outro.

— Ó guia — exclamou o Patatenra mais aliviado — então a água fria faz passar as dores das topadas?

— Pois faz — esclareceu António — não há nada melhor. Se não tivéssemos panos turcos, que são os melhores, colocavas a perna na água corrente.

Passado certo tempo, as dores cessaram, mas ficou no local magoado uma grande nódoa negra.

— Sim senhor! Que grande topada! — exclamou o guia. — Vamos já fazer circular esse sangue escuro.

— Como vais fazer isso? — inquiriu o Chico.

— Muito simplesmente — continuou o guia. — Tenho na farmácia um frasco com um preparado de álcool fraco e bagos de eucalipto e vou-te colocar na perna, da mesma maneira que fiz com a água. Isto é: molho o pano turco na fusão e coloco-a na perna. Quando estiver quente, renovo.

— É garantido o remédio? — observou o Chico.

— Tem sido até aqui — admitiu o guia.

— Já agora — pediu o Patatenra — gostava de saber qual é a porção de bagas e de álcool que se misturam...

— Para meio litro de álcool, uma mão cheia de bagas — esclareceu o guia. - Quando a fusão tomar uma cor castanha, está óptima para fazer desaparecer as nódoas negras.

— Tens razão guia — disse o Chico — o remédio é bom e quando chegar a casa vou também prepará-lo, pois pode fazer falta.

— Queira Deus que nunca dele faças uso — observou o guia a sorrir.

PATA DE LOBO

Rotário e Escotismo

Palestra do Engenheiro J. M. Nobre Santos no Rotary Clube de Lisboa-Norte

A convite deste Clube Rotário, o Eng.º Nobre Santos, director da Escola Central de Chefes dos Escoteiros de Portugal, proferiu uma palestra no dia 19 de Junho numa reunião-jantar efectuada no Hotel Flórida. Presidiu o vice-presidente da direcção deste Clube, Eng.º Álvaro de Freitas visto o respectivo presidente, sr. Humberto Magalhães Pereira, não ter podido comparecer ao início da reunião e ter querido que o seu colega conservasse a presidência. Este dava a sua direita ao palestrante e a esquerda ao sr. Comandante David de Carvalho, escoteiro-chefe-geral dos Escoteiros de Portugal. Encontrava-se presente um bom número de membros do Clube, bem como representantes doutros distritos rotários do país, e ainda do Brasil, da Inglaterra, da Suécia e Porto Rico. Esteve também como convidado o Director de «Sempre Pronto». O rotário do Brasil era o sr. Prof. Tiago Würt, membro do Conselho da União Mundial dos Organismos de Salvaguarda da Infância e Adolescência, que regressava de um congresso desta organização como delegado do seu país. O professor Würt foi presidente da Federação Escoteira de Rio Grande do Sul e membro da Comissão Central da União dos Escoteiros do Brasil. Fez parte da Comissão que procedeu à reorganização da União dos Escoteiros, onde cooperou estreitamente com o nosso saudoso amigo David M. de Barros.

O presidente da mesa fez a apresentação do Eng.º Nobre Santos e referiu-se ao facto do Rotário ter sido fundado em Inglaterra em 1905 e o Escotismo em 1908, como manifestações do mesmo espírito de fraternidade, e disse: «Estava no espírito dos homens dessa época a previsão das grandes catástrofes que afligiriam o mundo e procuravam contribuir para o entendimento entre os homens. Entre o Escotismo e o Rotário deve haver uma boa compreensão e intenções paralelas».

Entre o expediente lido pelo Secretário, sr. António A. Russel, figurava um ofício da Repartição Mundial de Escotismo felicitando aquele Clube Rotário por ter promovido a reunião dedicada ao Escotismo e saudando os seus membros.

Depois do jantar, o Eng.º Nobre Santos deu início à palestra que intitulou «O que é o Escotismo — Fundamentos do Método Escoteiro», durante a qual fez uma bem elaborada exposição acerca dos objectivos, métodos orgânica e ideais do Escotismo, tendo começado por dizer que este era um método formativo da juventude, que procura desenvolver os aspectos educativos (moral e cívico), o instrutivo, o espírito de serviço, a cultura física e o espírito de acção e actuação.

No desenrolar destas considerações, acrescentou que «o Escotismo pode considerar-se uma escola de formação integral, e afirmou que foi a necessidade de dar esta formação à juventude do seu país que levou B. P. a pôr em acção os ideais que amadurecera durante a sua longa experiência de condutor de homens, historiou a fundação do Escotismo em Inglaterra e em Portugal, referiu o grande número de rapazes que constituem e têm passado pelas fileiras do Escotismo, números que revelam o alto valor do Movimento.

O objectivo máximo do Escotismo é formação de um bom e forte carácter

O orador prosseguiu: — «B. P. entendia que se aumenta o carácter do rapaz quando o educamos dentro de elevados ideais, na confiança em si, no sentido do dever, na fortaleza de espírito e no respeito por si próprio e pelos outros. Vincou depois que são estes os objectivos que o Escotismo procura atingir, embora não sejam peculiares apenas ao nosso Movimento, mas os métodos e processos específicos de os atingir é que são distintos e peculiares ao Escotismo.

Referiu-se depois ao facto desta formação assentar numa promessa absolutamente voluntária, onde não pode haver qualquer acção compulsiva. Referiu-se à confiança no rapaz como base da educação escoteira, aos deveres para com Deus, à lealdade e amor pátrio, ao auxílio ao próximo como pontos cardiais da formação escoteira. Citou toda a Lei do Escoteiro, a divisa; etc.

O palestrante, sempre escutado com muito interesse, analisou em pormenor as actividades, as provas de classe, as insígnias de aptidão, pondo em destaque a contribuição que estas podem prestar para a descoberta das tendências e habilidades do rapaz, chegando-se num grande número de casos à determinação da sua carreira como homem.

Apreciou depois o sistema de patrulhas, o papel do guia, a educação individual em oposição ao sistema de educação em massa, e afirmou: «A educação individualizada, através dum adequado sistema hierárquico é o que nos aconselha o Escotismo, através do seu «Sistema de Patrulhas», que é considerado, como B. P. lhe chamava, a *chave do êxito*, nele cada escoteiro é tratado individualmente e a sua crescente responsabilidade e confiança em si próprio transformá-lo-á num bom cidadão».

Referiu-se em seguida à orgânica do Escotismo às suas Divisões, ao Escotismo para deficientes físicos, ramo que ainda não existe em Portugal, mas que há esperança de o criar em breve. Fez ainda uma resenha do Escotismo no Mundo, referiu os seus organismos mundiais, citou os Jamboris e concluiu pondo em paralelo o Escotismo e o Rotarismo, dizendo:

Escotismo e Rotarismo

«Os Objectivos do Rotarismo com os seus ideais de serviço, com base de toda a empresa digna e o sentido fomentador e estimulador do conhecimento mútuo e da amizade como oportunidade de servir; da boa fé como norma de negócio e aplicação nas profissões; do apreço de toda a ocupação útil e a dignificação desta ao serviço da sociedade, como aplicação do ideal de serviço de todos os rotários na vida privada e ainda como o desenvolvimento da inteligência, da boa vontade e da paz entre as nações, através do companheirismo dos seus homens de negócios e profissionais, unidos num ideal de serviço, são como vimos muito semelhantes em certos aspectos ao Escotismo».

E mais adiante: «Surge assim uma pergunta natural. Dentro do seu espírito de serviço e mais ideais atrás referidos para os rotários, que poderão eles fazer pelo desenvolvimento desses ideais escotistas?

«Existem três formas pelas quais um Clube Rotário ou os seus membros podem ajudar:

— Organizando grupos e oferecendo-lhes direcção administrativa adequada;

— Participando activamente em diferentes fases do programa escoteiro;

— Prestando ajuda financeira.

O Eng.º Nobre Santos agradeceu a todos que os escutaram e terminou, recebendo uma salva de palmas dos presentes. Seguidamente projectou alguns interessantes *slides* de actividades escoteiras e ainda alguns aspectos de um curso de chefes em Gilwell Park.

Entre os assistentes encontrava-se os distintos médicos srs. prof. Décio Ferreira e dr. Lino Ferreira, que projectaram um interessante filme sobre primeiros socorros. O sr. dr. Lino Ferreira disse que tinha muita satisfação em que estivessem presentes dirigentes escoteiros, porquanto o filme era muito elucidativo acerca da técnica de primeiros socorros, assunto que lhes interessava, visto serem hoje de pouco interesse as preocupações de pensos, e o socorrista dever atender principalmemte ao estado choque, pela aplicação da respiração artificial e adequadas massagens. Disse mais, que muitas vezes o próprio médico pouco pode fazer se não dispõe de aparelhagem própria para esta espécie de socorro. No filme, colorido, era feita uma muita clara exposição dos métodos do socorro pela respiração artificial, insuflando directamente ar nos pulmões do sinistrado quer pelo sistema de boca a boca, quer usando aparelhagem adequada. Trata-se de um filme que deveria ser apresentado e explicado a todos os dirigentes e caminheiros.

Esta reunião terminou assim com um programa que se enquadrava perfeitamente no espírito escoteiro.

Uma ideia a aproveitar!

— Um leilão importante —

UMA PONTE POR 10 LIBRAS!...

Um Grupo da Nova Zelândia comprou recentemente uma ponte por dez libras. Durante três semanas de árduo trabalho, os rapazes desmantelaram a ponte e seleccionaram e empilharam a madeira.

Depois cobriram uma área com coisas que lhes deram e tivessem qualquer valor: carros e caminhões usados, animais e móveis.

Uma firma de leiloeiros dispensou-lhes a sua colaboração, enquanto os escoteiros do Grupo vendiam refrescos.

No leilão, o material da ponte rendeu mais de 1 100 libras e o total das receitas foi de cerca de 1 700 libras.

Evidentemente que não vamos dizer aos Grupos que descubram e adquiram pontes semelhantes, mas aí está uma ideia que poderia ser aproveitada. Arranjar material, obter a colaboração de um bom leiloeiro e dar boa publicidade ao caso.

Um leilão tem o seu quê de magnético!...

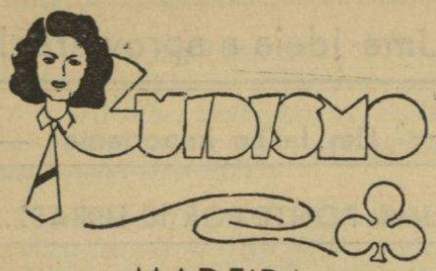
★ ● ★

Notícias de "O Século,, de há 50 anos

27 de Maio de 1913 —

HÓSPEDES INGLESES — Estão de visita a Lisboa os «boy scouts» de Hastings, Inglaterra. Foram entusiàsticamente recebidos pelos seus camaradas portugueses.

De «O Século» de 27-5-63



MADEIRA

No ano passado, por duas vezes, visitei a Madeira onde, há mais de 30 anos, fundei as Guias e Avezinhas. Poucos dias depois da minha chegada, foi organizado um Fogo de Conselho de boas vindas. Os Escoteiros e Escoteiras também assistiram, assim como uma Comissária da Colômbia e uma da Bélgica. Entoaram-se canções nacionais e internacionais, alternadas com danças regionais, e as memórias do passado envolveram-me. Parecia me que tinha sido ontem que os Chefes, na sua volta de África em 1932 estiveram na «Pérola do Atlântico» alguns dias e foram recebidos por mais de uma centena de Escoteiros, Guias e Avezinhas e por um número muito limitado de Chefes! Quando o Guidismo foi suspenso em Portugal, a Madeira, graças ao entusiasmo da sua Comissária, conseguiu conservar o «Guidismo», havendo mais de 200 Guias e Avezinhas na ilha.

O Natal foi celebrado de uma maneira muito especial: — uma festa para as Avezinhas e os pais, de tarde, e para as Guias e os pais, à noite. Por volta das 3 horas da tarde, figurinhas de castanho subiram a rua que vai ter aos Jardins do Museu, para o seu grande «Pow Wow». «Quem está pronta para fazer a sua Promessa?» e cerca de uma dúzia de pequenitas deram um passo para o centro da roda. Perguntou-se aos pais se essas crianças eram obedientes, se diziam a verdade e ajudavam em casa, e, depois das respostas afirmativas, doze carinhas envergonhadas e com as vozes a tremer de excitação, fizeram a sua promessa à Águia e receberam a desejada peninha, correndo depois para os seus ninhos. Mais tarde, vestiram-se e representaram uma peça baseada na História da Natividade, acabando com um chá e com a canção da «boa-noite».

Cerca das 8 horas, subiram a rua alegres figuras azuis, muitas trazendo pequenos embrulhos para pôr à volta da árvore de Natal e embrulhos maiores para a mesa da ceia! Formou-se uma grande ferradura e uma nova Companhia fez a promessa à sua Chefe, depois desta ter feito a promessa de Chefe à Comissária. O Rev. Padre Paquete disse algumas palavras às novas e às antigas Guias, lembrando a todas o lado prático da promessa, sempre preciso, mas mais particularmente nesta época do ano.

Alguns quadros da Natividade, com os actores vestindo trajes regionais da Madeira, e da vida de Santa Joana d'Arc, padroeira das Guias de Portugal, ajudaram a passar uma hora agradável nos lindos jardins iluminados pela lua e pelas chamas duma grande fogueira. Cantavam-se canções e mudavam as cenas. Então, quando todos estávamos sentados à volta da fogueira, comendo bolos e bebendo cacau, foram distribuídas lembranças a todas as Guias e Chefes presentes, sinais de amizade e agradecimento. No meio das aclamações de «*obrigado*» e «*que engraçado!*», o silêncio desceu quando a chefe se levantou para cantar a canção de «boa-noite», igual para todas as Guias do mundo. Lembro-me de tê-la ensinado há muitos anos e estava agora encantada ao ouvi-la cantar e ecoar por todo o jardim.

Muito obrigada às Guias e Avezinhas da Madeira por me terem dado um tal prazer. Obrigada Sr.ª Rocha Machado em nome de todas as Guias e Avezinhas (muitas delas espalhadas por Portugal, Espanha, Gibraltar, Inglaterra e África) que aprenderam as lições deste grande jogo, graças à sua incansável devoção, energia e entusiasmo.

DENISE LESTER

(*Traduzido do «Council Fire»*)

UM JAMBORI, QUE É?

← *Pág. 2*

para erguer as suas tendas à altura de um segundo andar e as suas bandeiras em mastros gigantescos.

Em 1955, uma verdadeira ponte aérea transporta ao Canadá, perto das quedas do Niagara, a forte delegação francesa de 1500 rapazes. Jamais se esquecerá o acolhimento tão caloroso que os canadenses franceses nos dispensaram.

Em 1957 efectuou-se um Jamborí extraordinário na Inglaterra para festejar o 50.º aniversário do Escotismo.

Em 1959, os franceses descobriam nas Filipinas os calores dos trópicos e as construções de campo em bambu.

Por sua vez, em 1963, a Grécia irá receber o mundo escoteiro...

Não queria terminar esta evocação rápida de recordações dos Jamboris sem exteriorizar a alegria íntima que ali se experimenta depois de ter admirado a bela apresentação das primeiras filas da delegação francesa no desfile de abertura e se sabe que elas eram constituídas por escoteiros cegos. Porque a delegação francesa não parte nunca sem se fazer acompanhar de algumas unidades de extensão, um grupo de cegos, um outro de surdo-mudos, um terceiro de enfermos de paralisia infantil, que participam em todas as actividades do Jam. Presenciastes alguma vez a coragem destes rapazes cegos que, em Moisson, agarrados a uma roldana, desceram ao longo de uma corda esticada desde o cimo de uma árvore mais depressa do que todos os seus concorrentes visuais?

Espero que através destas evocações tivésseis sentido um pouco a animação destas efémeras cidades de tendas, povoadas de escoteiros de uniformes de cores diversas, onde se ouve falar mil línguas, onde os ingleses gostam de cuscuz, os brasileiros de chá inglês e os franceses de salsichas, onde à noite, em volta dos fogos de conselho, vozes variadas cantam: «*Alouette, gentille alouette*», «*London's burning*», «*La Musica*» e alguns coros africanos de palavras complicadas. Talvez tenhais adquirido um pouco a nostalgia da fraternidade rigorosa dos rapazes de 15 anos e talvez participeis do nosso sonho um pouco louco, o sonho do nosso fundador: ver um dia o Mundo inteiro ganho por esta amizade.

DOMINIQUE FRANÇOIS

Transcrito do Boletim «Informations Européennes» do Conselho Executivo da Conferência Escoteira Europeia. Tradução do E. C. Idílio Gonçalves.

Alfredo Bandeira Rodrigues

prestou provas para a «Insígnia de Madeira» em Salisbury — Rodésia do Sul



Os elementos que tomaram parte no Campo-Escola de Salisbury

De 27 de Abril a 5 de Maio passado, efectuou-se no Ruwa Park, em Salisbury, na Rodésia do Sul, um Curso de Insígnia de Madeira (II Parte) no qual tomaram parte 19 elementos nativos e de origem europeia e, entre estes, o nosso dedicado amigo e colaborador Sr. Alfredo Bandeira Rodrigues, membro do Grupo de Escoteiros de Portugal em formação no Dondo, perto da Beira, Moçambique, e Delegado de «Sempre Pronto» nesta província.

O Escoteiro Português distinguiu-se com muito brilho na prestação das diversas provas tendo sido muito felicitado pelos dirigentes do Curso, tendo sido aprovado com boa classificação. As provas da I Parte do Curso, vão ser prestadas através da Escola Central de Chefes dos Escoteiros de Portugal.

Daqui enviamos felicitações ao nosso entusiasta Delegado na Beira.

Considerações a propósito de uma homenagem

Na sede do Clube Naval de Lisboa, por iniciativa do Círculo de Antigos Nadadores, realizou-se em 21 de Julho passado uma sentida homenagem póstuma a Manuel Ryder da Costa, grande desportista náutico e mestre distinto de natação, que impulsionou e elevou a modalidade a um nível sem precedentes em Portugal, infelizmente muito acima da actual situação.

Foi pena que esta homenagem tão merecida não tivesse sido conhecida com mais antecedência dos Escoteiros. Nós tínhamos obrigação de estar presentes, sobretudo porque Ryder da Costa votava um interesse e uma dedicação especial à mocidade, o que muito valorizou a obra que conseguiu realizar. Naquela homenagem, Gustavo Pereira da Costa, antigo escoteiro e um dos principais impulsionadores do Círculo de Antigos Nadadores, disse a este propósito:

«Ryder da Costa, com o seu idealismo, abriu as portas do seu Clube Naval de Lisboa a uma organização juvenil que se estava desenvolvendo em Portugal e procurou ajudá-la a cumprir a sua missão — o de preparar rapazes «Sempre Prontos» para todas as eventualidades da vida.

«Por sua iniciativa, começaram a frequentar as escolas de natação do Clube Naval, os Escoteiros dos Grupos 1, 2 e 3. Por volta de 1914/15, as instalações do Clube Naval, então no Cais de Viscondessa e magníficas em relação às de hoje, viram entrar uns rapazinhos de calção, blusa, chapéu de abas largas e vara na mão, a quem o vulgo, por influência inglesa, chamava «boy-scouts». Eram os escoteiros.

«Muitos foram os que aprenderam a nadar, mas, de entre tantos, três se fixaram contagiados pelo gosto e prática da natação: Luís Alves Miguel, Jaime Roussado dos Santos e quem vos está falando.

«Os três tornaram-se nadadores e instrutores, começando a viver a vida do mestre, a seguir-lhe os exemplos, a formar novos nadadores, a impulsionar Clubes, a fundar Clubes de Natação. (...)»

O Clube Naval de Lisboa e Manuel Ryder da Costa merecem as homenagens dos Escoteiros porque, em 1914, quando o Escotismo era quase ignorado, souberam compreender o Movimento e oferecer desinteressadamente a sua cooperação. Foi uma grande obra. Muitos escoteiros dos grupos 1, 2 e 3 aprenderam ali a nadar, como parte da sua formação de *sempre prontos*. O Escotismo recebeu forte patrocínio do Clube e do seu dedicado instrutor. Mas os rapazes da flor de lis são generosos. Receberam mas deram. Luís Alves Miguel, Gustavo Pereira da Costa e Jaime Roussado dos Santos ficaram como fruto dessa cooperação e prestaram, e estão prestando ainda, relevantes serviços à natação.

Que benefícios poderia continuar a colher a Natação se esse espírito se tivesse mantido? E quem diz a natação, diz outros desportos, diz os bombeiros, as agremiações de recreio, de cultura, e outras? O espírito mesquinho de certas instituições, que negam a sua cooperação aos Grupos de Escoteiros, alforje de gente nova, de futuros dirigentes, não lhes traz o benefício do recrutamento de novos valores, de preciosos membros. Não conhecemos um único caso em que uma instituição tenha aberto as suas portas ao Escotismo e reciprocamente não tenha ido buscar elementos para valorizar as suas próprias fileiras. O caso da Natação e a larga visão de Ryder da Costa é exemplo bem evidente.

Há anos, o Grupo n.º 94, numa época em que possuía forte efectivo, dirigiu-se a um Clube vizinho, que mantinha no bairro uma escola de natação, e solicitou permissão para que os seus escoteiros a pudessem frequentar. A resposta demorou largo tempo e por fim, veio um rotundo não. Não nos consta, porém que essa secção desportiva tenha alcançado qualquer progresso. Espírito mesquinho é estéril não gera progresso. Certamente que aquele Clube não ganhou novos elementos com essa sua atitude, mas levam-nos a crer que o espírito de cooperação teria sido frutuoso para ambas as partes.

DOS AÇORES

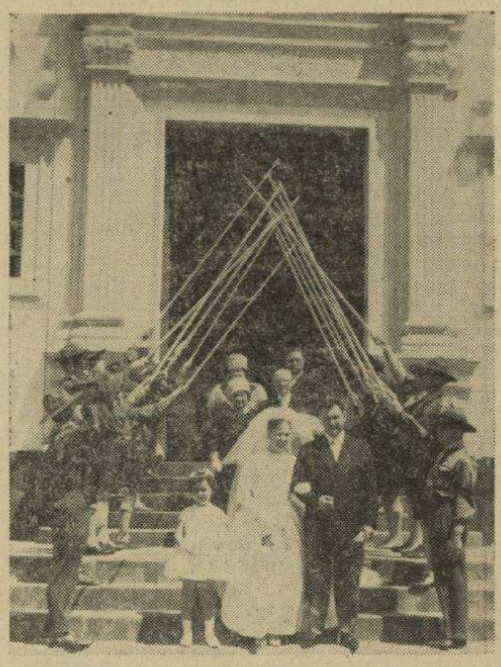
CASAMENTO

Realizaram o seu casamento, na paroquial de N. S. da Conceição, em Angra do Heroísmo, no Domingo, 26 de Maio, a Sr.ª D. Maria da Conceição Ávila Moniz Silva, filha da Sr.ª D. Ilda de Ávila Moniz Silva e do sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, funcionário da Caixa Económica do Montepio Terceirense, e delegado, nos Açores, do Jornal «Sempre Pronto» e da Fraternal do Antigos Escoteiros de Portugal, com o sr. João Orlando Pereira Valentim, filho da sr.ª D. Adelaide Borges Pereira Valentim e do sr. João Vieira Valentim, comerciante da praça de Angra.

Foram padrinhos dos noivos, seus pais, sendo testemunha qualificada o Rev. Pe. David Botelho do Couto, pároco de Santa Luzia, de Angra.

O casamento, que teve numerosa assistência, foi seguido de missa, acompanhada de órgão pela sr.ª D. Alice Borba e de cânticos pelo Rev. Couto.

Outra agradável surpresa para os noivos foi a guarda-de-honra feita pelos rapazes do Grupo 52 da A. E. P. à entrada da Igreja, e que depois formaram abóbada com varas, por onde os noivos passaram. Os rapazes do «52» quiseram assim homenagear a noiva, que é madrinha de vários escoteiros e dedicada colaboradora de seu pai, o chefe do Grupo. (Esta cerimónia foi realizada pela primeira vez, nesta ilha, pelos componentes de então do Grupo 52, há cerca de 25 anos, aquando do casamento dos pais da noiva).



Os noivos, à saída da igreja, passando por debaixo dum arco formado pelas varas dos rapazes do 52. Por detrás dos noivos, encontram-se seus pais, para quem esta cerimónia foi realizada, pela primeira vez, nesta Ilha, há cerca de 25 anos.

Findas as cerimónias religiosas, dirigiram-se os noivos e convidados para a sede do Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros, em cujas salas, gentilmente cedidas para esse fim, foi a todos oferecido um variado e abundante serviço.

«Sempre Pronto» deseja as maiores felicidades aos noivos.

Todos estamos de acordo, mesmo aqueles que dificilmente se movem dentro do acanhado espaço balizado pelas fronteiras da apatia e do egoísmo, — que a criança, homem de amanhã, é, de longe, o maior valor patrimonial da Nação. Defendê-la carinhosamente, orientá-la com solicitude e devoção, é um imperativo de consciência, é um dever social, moral e cívico a que ninguém, absolutamente ninguém, poderá furtar-se, sob pena de trair criminosamente os superiores interesses da Pátria.

Confrange, na verdade, que a nossa criança esteja tão desamparada, sob a ameaça constante de mil perigos e horrores, votada a uma morte prematura pela incúria dos homens, ou sujeita a taras e insuficiências físicas pelo acidente que se não previne. São braços, aos milhares, que se perdem para a economia do País; são milhares de vidas destruídas e, com elas, honra e glória para a Pátria.

Tudo o que se faça pelas crianças é obra eminentemente nacional que não poderá deixar de ser acarinhada por todos, governantes e governados, sob pena de não se acautelar o futuro da Raça, que mergulha as suas raízes na geração que desponta.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Do prefácio de «Como educar e adaptar à vida os pequeninos».

O estimado leitor já fez a sua inscrição como assinante patrocinador?

Esperamos que o faça.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

AGUDA -- um cantinho de Portugal

Dum modo geral, quando se escreve sobre um motivo qualquer, tem-se forçosamente de exprimir o pensamento sobre o assunto. Agora, porém, além de meditação, tenho também em vista manifestar a minha admiração por aquele plêiade de pescadores da Praia da Aguda.

Pròpriamente não se chamam pescadores, mas sim vareiros, como o são a gente da borda-d'água de entre Porto e Aveiro.

Admiro-os porque gosto do mar. Ao vê-los recordo os nossos ancestrais, que, arrojados e sem temor, cruzaram oceanos em toda a sua extensão.

Quantos morreram, mas quantos voltaram depois de terem levado os nossos costumes, a nossa língua, a terras longínquas, que fomos amando e educando, para que hoje, como há séculos atrás, sejamos o mesmo povo firme perante o mundo.

Fernando Pessoa, escreveu no seu livro «Mensagem»:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Para te cruzarmos, quantas mães choraram
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
.....

Esta estrofe encerra com todo o rigor o suave sentir deste nosso povo marinheiro, do qual nunca nos cansamos de falar.

Esta minha ideia de vos falar dos Vareiros da Aguda, vem desde o dia em que a patrulha «D. Afonso Henriques» acampou perto daquela praia

Como sempre, fui numa hora de repouso reconhecer o local. Era a praia.

Domingo à tarde. Dia de descanso. O movimento pelas ruelas é diminuto; contudo dir-se-ia que «todo o mundo» estava à porta. As mulheres sentadas nos portais ou passeios ponteiam algumas peças de roupa. Os homens, encostados às paredes, conversam. Outros ainda param à porta das poucas tabernas do local. Alguns, sentados no muro da lota, voltados para o mar, entendem-se numa linguagem castiça e, dum modo geral, só deles.

É desta maneira que surge a ideia de vos falar deles. Dias mais tarde, volto lá à procura de alguém que me fale por todos.

Destes, foi o Sr Francisco dos Santos Júnior o escolhido e que gentilmente acedeu a falar um pouco sobre a sua terra.

O «Zé» Francisco é um velho lobo do mar, com 58 anos de idade, bom conversador, que encontrei sentado no muro da lota, contemplando o mar sereno e azul.

Olha tão deslumbrado o mar, como se este lhe absorvesse todo o pensamento, que não nota o meu aproximar. Por momentos fico indeciso. Não sei se o desperte daquele sonho, se me afaste.

Como se adivinhasse o meu pensamento, volta-se e saúda me.

Eis a minha oportunidade e não a perco. Sento-me a seu lado, dizendo-lhe o que pretendo, ao que ele acede de bom grado.

A sorrir, faço-lhe a primeira pergunta:

— Tem havido muito peixe?

— Por ora só sardinha miúda. «Onte inda» houve camarão, mas pouco. Você não faz ideia do que é o mar...

— Mas olhe: eu gosto dele — disse-lhe.

— «Tá» bem! Eu «tamém» não me separo disto.

— Já foi ao bacalhau?

— Não, nunca lá fui. Mas tenho lá um filho em repouso; em S. «Jones». Tenho outro que «tamém» já lá foi por três vezes.

Depois de uma pausa, prossigo:

— E naufrágios já teve alguns?

— Oh! Se tive! vê ali, (e aponta para o Sul) já lá me virou o barco. Vinha com o meu filho, este que tenho agora. Eu aflito por ele, e ele por mim. Quando nadei para a praia, já ele ali estava. Quer dizer: a gente os dois temíamos um pelo outro.

— Mas — interrompo — é possível morrer aqui tão ao pé? Vocês não nadam?

— Nós sabemos nadar, mas a corrente é muito forte e nós não aguentamos.

Apenas uma pergunta mais:

— No temporal de 1940 de que eu só ouvi falar, houve vítimas daqui da praia?

— Sim, morreram alguns. Olhe, em Dezembro, o Augusto Loureiro foi ao mar com dez homens: Quando vinham de regresso, o barco voltou-se. O Zé Campelo foi com mais alguns em socorro, mas o seu barco também virou.

E, como a lamentar-se disse: — Só dessa vez foram 4 mortes. Mas o mar não nos mete medo. Nascemos junto a ele, e junto dele havemos de morrer. Se nos tivéssemos de afastar, a nossa vida, não tinha finalidade. Um vareiro que se preza, não se deixa abater pelos desaires que o mar nos faz passar. Ele luta muitas vezes, mas não deixa de lutar até que se fechem os olhos pela derradeira vez. Eu antes me quero a lutar com ele, do que estar longe dele.

Em face desta tão espontânea demonstração de amor pelo mar, concluí que o nosso povo, com tão glorioso passado de marinheiro, tem e terá sempre continuadores.

CORÇA VERMELHA — (GAIA)

Um Escoteiro Autêntico!

Em Barcelos, alunos da Escola Industrial reuniram-se nas margens do Cávado e alguns decidiram tomar banho. Um dos rapazes, por não saber nadar, em breve estava em perigo. Foi em seu auxílio o Reinaldo Gomes Faria, de 13 anos, que sabia nadar, mas o primeiro de tal maneira se agarrou ao companheiro que em breve os dois se encontraram em perigo.

Surgiu então o Escoteiro, um autêntico *sempre pronto*: José Luís da Costa Rodrigues, de 13 anos, aluno da mesma Escola e membro do Corpo Nacional de Escutas. Mesmo vestido, lançou-se à água, nadou vigorosamente até meio do rio, mas entretanto os colegas tinham submergido. Mergulhou corajosamente, encontrou-os, trouxe os dois inanimados à superfície e conduzi-os a terra. Levados ao hospital numa ambulância dos Bombeiros, foram ali tratados e em breve seguiam para suas casas.

Um bravo este Escuta!

Notemos porém:

Só a bravura, a coragem e a generosidade, virtudes que o José Luís evidenciou, não seriam suficientes. O seu colega Reinaldo também foi corajoso e generoso, pronto a arriscar a vida. Mas o Escoteiro estava preparado. Sabia nadar, sabia mergulhar e sabia salvar. Era um *sempre pronto*.

E tu, caro Leitor, que porventura me lês, estás também realmente preparado para um acto desta natureza?

O Escotismo em Moçambique

Homenagem

No dia 8 de Julho, realizou-se na sede do Grupo de Escoteiros da Lusalite, no Dondo, uma homenagem ao sub-chefe do Grupo, Augusto Aleixo, pela passagem de mais um aniversário, tendo os rapazes e raparigas apresentado diversos números escotistas e uma pequena peça.

Seguiu-se uma animada merenda, durante a qual foram oferecidas diversas lembranças ao subchefe Aleixo, que, bastante sensibilizado, agradeceu a homenagem prestada.

Diversas Actividades

A fim de comemorar a passagem do aniversário natalício do Chefe do Grupo de Escoteiros da Lusalite-Dondo, realizaram-se no dia 28 de Julho, várias cerimónias por iniciativa dos rapazes e raparigas do Grupo. Escoteiros e escoteiras, bem como avezinhas e lobitos, passaram a manhã no acampamento fixo que o Grupo tem nas instalações da Lusalite, em alegres jogos escotistas. Em seguida almoçaram em conjunto, servindo o almoço para que alguns escoteiros prestassem as suas provas de cozinheiro. Depois do almoço, continuaram com jogos escotistas e, ao anoitecer, realizou-se um animado fogo de conselho. O chefe Rodrigues recebeu várias lembranças, incluindo uma de sua neta Ana Maria, que é avezinha no mesmo Grupo.

Acampamento

Nos dias 7 a 15 de Agosto, realizou-se um acampamento em Vila de Manica, que contou escoteiros da Beira (C. N. E), Dondo, Vila Manica e Tete, que despertou grande entusiasmo entre a rapaziada, a qual se preparou activamente para uma semana de ar livre e aventura. Desejamos que tenham obtido os maiores êxitos naquela grande reunião escotista.

Um Jambori em Lourenço Marques?

Segundo rumores não confirmados, parece que se pensa realizar, em Dezembro próximo, um Jambori de toda a África ao Sul do Equador e que o mesmo terá lugar em Lourenço Marques. Oxalá isto se confirme.

Conferência Mundial do Escotismo

Em fim de Julho passado, partiu para a Grécia, em visita ao Jamboori Mundial do Escotismo, na companhia de sua família, o sr. eng.º José Maria Nobre Santos, tendo seguido depois para a Ilha de Rodes onde foi representar os Escoteiros de Portugal na Conferência Mundial de Escotismo.

«Sempre Pronto»

Por motivo de férias dos membros do nosso Jornal, «Sempre Pronto» não será publicado no mês de Setembro. Em Outubro, publicaremos um número especial duplo comemorativo do Jubileu da Associação dos Escoteiros de Portugal.